

## DOCUMENTAÇÃO, FOTOGRAFIA, IDENTIDADE E ARTE

Beatriz Lefèvre \*

O Programa Igual Diferente, iniciativa do MAM de São Paulo, promove em parceria com várias instituições, dentre elas a Apae-São Paulo (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de São Paulo), uma série de cursos de arte para pessoas com necessidades especiais.



Aurídio e Rafael se ajudam a amarrar o avental e vão pintar.

O ideário do Programa Igual Diferente é criar uma rede de produção de conhecimento em torno da expressão artística de pessoas com necessidades especiais e, certamente, com potenciais especiais.

A rede de produção de conhecimento proposta inicia-se na produção artística dos alunos e vai além. Ela agrega artistas e educadores, que estruturam e implementam cada curso, fazendo interagir saberes distintos. Agrega as instituições parceiras, com longa tradição no trato de pessoas especiais. Agrega pesquisadores da universidade, interessados no aprendizado, na arte, na psicologia e nos relacionamentos humanos, que encontram ali campo privilegiado de observação. Agrega ainda uma equipe de documentação que acompanha cada curso. Em cada ponto dessa rede, pode haver reflexão e produção de conhecimento.

Em 2002, eu fiz a documentação fotográfica de três dos cursos oferecidos e acabei profundamente envolvida com o trabalho e de modo mais amplo com o

---

\* Editora, fotógrafa, mestranda do Departamento de Multimeios, do Instituto de Artes da Unicamp.

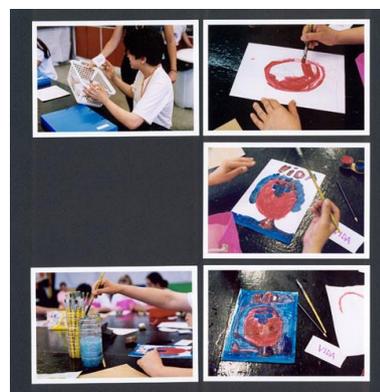
ideário do Programa Igual Diferente. O Programa caminha em meio a dificuldades financeiras e sobrevive graças ao empenho supra-profissional de uma série de pessoas que acreditam e se alimentam do que fazem. O maior retorno do trabalho é o envolvimento e a emoção com que os alunos dele participam. Fui uma observadora privilegiada, estava ali para fotografar, e pude ver a transformação dos alunos ao longo do curso. Tive a impressão de que raramente em suas vidas tiveram momentos de tanta liberdade e respeito. Só isso bastaria. O prazer de fotografar, o que procuro aqui colocar em palavras, é indescritível. Mas o Programa Igual Diferente pretende ir além dessa emoção; pretende refletir sobre ela, em imagens e palavras.

Minha intenção, ao escrever sobre a experiência vivida no MAM, é refletir sobre o papel da fotografia nesse Programa. Centrar-me-ei no curso oferecido a dois grupos de alunos da Apae-SP porque nele a fotografia foi utilizada de três maneiras: para documentação, como matéria-prima para um exercício plástico e como instrumento de valorização da identidade dos alunos.

Embora a fotografia tenha sido utilizada com tal intensidade, não houve uma reflexão prévia sobre o seu papel no curso. Vale a pena fazê-la agora; ela poderá ser útil para aprimorar as próximas edições do curso e para pensar a documentação fotográfica de modo mais amplo, ou seja, como atividade que se integra ao próprio curso e incorpora distintos usos que se pode fazer da fotografia.

\*

Iniciamos o trabalho de documentação com a idéia de produzir imagens para ilustrar os relatórios dos professores e divulgar, na mídia, o Programa. Pensávamos que 20 imagens por curso seriam suficientes. O resultado final, no entanto, mostrou que o esforço despendido pela Coordenação do Programa com a documentação fotográfica propiciou material muito mais



Nahla pinta retrato inspirada na palavra "vida".

significativo do que fotos ilustrativas ou de divulgação.

Montamos um acervo com mais de 300 fotografias, com momentos preciosos e seqüências de imagens que narram o processo de trabalho dos alunos, sua emoção ao interagir com o que lhes era oferecido no museu, a postura da professora, a organização da sala, o uso dos materiais e tantos outros detalhes que só a fotografia pode reter.



Rafael e Aurídio exploram as possibilidades da câmara de vídeo com Raimo, o videomaker.

O acervo contém um volume significativo de imagens: em primeiro lugar, porque elas compõem narrativas fotográficas; em segundo, porque seu objetivo é servir de fonte para diversas finalidades. A versatilidade da fotografia permite sua apresentação impressa, em vídeo, em computador, projetada em tela, exposta em parede; permite sua associação a sons, textos, desenhos e pinturas. Além disso, o material produzido é um manancial de pesquisa e informação sobre o que se passou no museu durante os cursos.

A organização do acervo é fundamental para que outros profissionais façam uso dele. O acervo deve ser fácil de manusear e o material, editado para consulta, deve ser compreensível. Por isso as imagens selecionadas foram cuidadosamente editadas em álbuns com o intuito de narrar as atividades desenvolvidas e



Carol dá entrevista a Cibele (educadora), fala de sua infância e de suas preferências.

expressar as emoções vividas em classe. A esses critérios de edição somou-se o critério plástico, afinal a fotografia se expressa por cores, formas e linhas. Privilegiamos nos álbuns a associação entre as imagens e colocamos as legendas ao final. Acreditamos que a leitura das imagens, sem interferência do texto, propicia um melhor aproveitamento da comunicação pela fotografia. Por

outro lado, as informações textuais são fundamentais para o caráter documental do acervo, por isso não poderiam faltar legendas explicativas.

O primeiro uso do acervo deu-se ainda durante o curso, quando foi realizada reunião com os pais dos alunos para explicar os objetivos do curso e a presença, nas aulas, de equipes de documentação e de pesquisadora da área acadêmica. Por mostrar momentos vividos em classe, as fotografias ajudaram a transmitir aos pais confiança no trabalho desenvolvido. Por alcançar um público amplo, inclusive pessoas pouco acostumadas à leitura de relatórios e textos acadêmicos, outra fonte de documentação dos cursos do MAM, a fotografia foi um instrumento importante para a comunicação com os pais.

As fotografias também foram usadas pela equipe de vídeo, que selecionou imagens para compor seu trabalho final; estão sendo apresentadas neste artigo e, espero, venham a ser úteis de outras maneiras. O acervo foi organizado com o intuito de gerar frutos: exposições, livros, artigos, relatórios, apresentações. Seu propósito é disseminar a experiência e contribuir para o aprimoramento das próximas edições do Programa Igual Diferente.

A fotografia também foi utilizada de outras maneiras no curso:

**Fotografias de infância.** Foi pedido aos alunos que levassem para a classe fotografias de infância. O propósito era falar sobre suas vidas em casa e lembranças da infância. A fotografia nesse caso atuou como extensão da memória, como estímulo para que cada um falasse de si e se mostrasse à classe.

**Exercício plástico.** Foi proposto aos alunos que desenhassem corpos a partir de pequenos retratos 3x4 colados em folhas de papel de diferentes formatos e cores. As pessoas fotografadas não eram familiares a eles. A idéia era evidenciar o retrato enquanto categoria artística. Utilizar duas técnicas distintas, a fotografia e o desenho, foi uma das estratégias pedagógicas utilizadas para conceituar o retrato. Nas aulas seguintes os alunos observariam retratos na exposição Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti e pintariam retratos e auto-retratos no ateliê.

**Retratos dos alunos.** Durante o curso, realizamos um retrato de cada aluno para o álbum final, montado na última aula com um pouco de tudo o que fora feito no curso (desenhos, pinturas, depoimentos, fotos de infância etc.).



Tailaine, Nívia, Nahla e Carol nos retratos feitos em classe.



Seqüência de fotos tiradas pelos alunos, após sessão de retratos.

A tomada dos retratos revelou-se um momento com grande potencial para trabalhar a questão da identidade dos alunos. Alguns fizeram pose, outros resistiram à câmara, alguns revelaram sua dificuldade em abrir um sorriso, muitos foram se entusiasmando e logo queriam posar para outros retratos e depois quiseram, eles mesmos, tirar retratos dos colegas, da professora e até da fotógrafa!

Infelizmente não tínhamos filmes e tampouco uma atividade programada para dar vazão à vontade de fotografar e serem fotografados. Uma câmara digital, sem custo de filmes e com a possibilidade de as imagens serem vistas na hora, seria instrumento muito útil para uma aula em que os alunos fotografam e são fotografados.



Renan, Carol e Cibele com os retratos e o álbum elaborado no último dia de aula.

O momento em que os alunos receberam os retratos também foi especial. A alegria de se ver e se mostrar e a concentração do olhar em si mesmo indicam o potencial desse momento para se tratar de identidade e arte. A fotografia permite que os alunos se vejam e aos colegas através do olhar de outra pessoa; vejam os colegas através da câmara e, até, se vejam, em exercícios de auto-retrato em fotografia. O vigor dessa experiência pode ainda ser associado à exposição, aos alunos, de imagens consagradas que fazem do retrato uma das principais vertentes artísticas da fotografia.

Enfim, são idéias para incrementar o uso da fotografia e ampliar o conceito da documentação fotográfica. A fotografia pode ser utilizada como ferramenta (os alunos fotografam), como referência (os alunos vêem e falam sobre a fotografia) e como matéria-prima para exercícios plásticos, e o material gerado pode ser manancial para o acervo documental. O conceito de documentação fotográfica pode ser ampliado ao agregar o trabalho dos alunos ao do fotógrafo.

Essa idéia é particularmente válida para os grupos da Apae-SP, pois boa parte do trabalho desenvolvido girou em torno dos temas retrato, auto-retrato, infância e identidade. De modo mais amplo, no entanto, todos os cursos do

Programa Igual Diferente têm como objetivo essencial a valorização da identidade de cada aluno; e a fotografia é um instrumento apropriado para esse propósito.

\*

No início desse Programa, eu via a documentação fotográfica como uma atividade externa ao curso, que visava a registrar o que ali se passava, e autônoma em relação às demais atividades que se desenrolaram em torno do curso.

Hoje, acredito que a fotografia deve ser pensada mais amplamente em um Programa que envolva pesquisa, documentação, arte e educação; ela pode ser pensada e trabalhada como documento, como recurso pedagógico, como arte e como matéria das artes plásticas.



Cibele olha  
Carol entrevista  
Raimo filma  
pra mim

O acervo documental pode ser incrivelmente enriquecido se contiver, além das imagens fotográficas e vídeos produzidos, os textos dos educadores e pesquisadores e os trabalhos dos alunos, sejam pinturas, desenhos, depoimentos ou imagens fotográficas. A associação de linguagens distintas (textos, fotografias, pinturas, desenhos, vídeo...) e enfoques variados (alunos, educadores, fotógrafo, pesquisador e videomaker) é capaz de fornecer uma perspectiva incomparável do trabalho desenvolvido.